

# A ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-PROPRIETARIO : MARIANO PINA

Anno VII. — N.º 3.

PARIS, 5 DE FEVEREIRO DE 1890  
*Escreptorios em Paris, 13, Quai Voltaire.*

100 réis cada numero.



S. M. DOM AFFONSO XIII, REI DE HESPAHHA.

## GUERRA A' INGLATERRA!

A ILLUSTRAÇÃO acompanhando o commercio portuguez na sua generosa e patriótica campanha contra a Inglaterra e contra a introdução de productos inglezes em Portugal, quebrou todas as suas transacções com desenhadores e gravadores inglezes. A partir d'esta data nem mais uma gravura executada em Inglaterra será publicada na ILLUSTRAÇÃO.

Tambem a partir d'esta data nunca mais empregaremos os vapores inglezes para o transporte dos nossos jornaes para o Brazil. A Inglaterra procura por todos os modos expulsar-nos d'Africa.

Que os Portuguezes respondam a esta insolencia, com uma guerra firme e decidida á introdução de todos os productos inglezes em Portugal.

No dia em que o commercio inglez tiver perdido todas as suas relações com o nosso paiz, começará então a nossa desforra.

Guerra á Inglaterra!

Viva a França!

Viva a Hespanha!

Viva Portugal!

## CHRONICA

PORTUGAL  
PERANTE A EUROPA

Carta ao sr. Presidente do Conselho  
de Ministros.

EXCELENTISSIMO SENHOR.

Em face da brutalidade ingleza, da insolente covardia do mais forte, do menosprezo de todos os principios do direito internacional, — Portugal offendido e humilhado pelo numero dos canhões e dos couraçados britannicos encontrou os mais sollicitos e generosos defensores em todos os jornaes europeus. E, principalmente, em todos os jornaes francezes.

N'esta crise dolorosa e difficil para a dignidade nacional e para os nossos direitos indiscutíveis em Africa, foi-nos grato constatar que ainda temos amigos e admiradores na Europa; e que a França, sempre apaixonada por aquelles que lutam unicamente pelas grandes ideias e pelos grandes principios civilisadores e humanitarios, ainda conhecia a historia das nossas navegações, respeitando-nos como dignos successores d'aquelles que tanto sangue vertiram e de tanto ardor e coragem deram provas, para mostrar ao mundo o caminho das Indias, e as riquezas accumuladas na Africa e na America.

Por isso a imprensa franceza não hesitou um momento, para dizer ao mundo inteiro que a Inglaterra se havia deshonrado (sic) pelo modo como havia terminado o conflicto com Portugal, considerando de infame (sic) um semelhante procedimento para com um paiz de pequenos recursos militares, antigo aliado d'Inglaterra, e á custa do qual ella tanto tem augmentado o seu imperio colonial.

Todas estas demonstrações nos foram immanente gratas, porque todas foram sinceras e espontaneas, provocadas pelo momento de estuor que causou em toda a Europa o acto insolente e selvagem de lord Salisbury. E todas ellas mostram aos scepticos e aos indifferentes da nossa terra, aquelles que duvidam do bom papel que nós desempenhamos entre as nações civili-

sadas, que o nosso querido paiz ainda dispõe de grandes sympathias, e que a sua influencia colonial em Africa de modo algum é considerada pelas potencias como *quantité négligeable*...

Sómente, de todas as defezas que appareceram em nosso favor e que teem dado bastante que reflectir a lord Salisbury, resalta um facto da maxima gravidade que eu peço a permissão de apresentar a Vossa Excellencia, como portuguez que sou, e jornalista amante da minha patria.

E se ousou assignal-o a Vossa Excellencia, quando o governo podia d'elle ser informado pelos seus agentes officiaes no estrangeiro, é por que sei que a nossa diplomacia, assim como uma boa parte da velha diplomacia europeia, desdenha e despreza ainda hoje a prodigiosa força de que a Imprensa dispõe em todos os paizes, imaginando que nada vale o apoio da opinião publica, e que só pode resolver uma questão internacional o apoio d'uma chancellaria!

Os agentes diplomaticos portuguezes poderão communicar ao governo a impressão que a arbitrariedade ingleza produziu no espirito do sr. Spuller, do sr. de Rismarck, ou do sr. Crispi. Permita Vossa Excellencia que eu, movido por um sentimento patriótico hoje tão cruelmente offendido, em nome da minha qualidade de jornalista, assignale a Vossa Excellencia um facto que perante a critica me parece da mais alta importancia, e ao qual anda ligado o bom nome e a prosperidade futura do nosso paiz e dos seus dominios colonias.

A imprensa franceza defendeu-nos corajosamente, e com um nobre desinteresse, contra o insulto que recebemos da Inglaterra. A imprensa franceza defendeu a nossa dignidade, o brio nacional ferozmente offendido por lord Salisbury. Mas não defendeu, isto é, não discutio, não pôz em evidencia, por absoluta falta de documentos e de dados precisos, a questão dos nossos direitos no Zambeze e nas regiões dos lagos...

Donde provém semelhante ausencia de argumentos em favor dos nossos direitos em Africa, da parte d'uma imprensa que nos defendeu tão inergicamente do insulto que nos ferio o governo britannico? Da nenhuma propaganda que os governos precedentes teem feito na Europa, acerca da nossa verdadeira situação tanto na Africa oriental, como na occidental.

A imprensa franceza para atacar as inauditas pretensões do governo inglez, só encontrou á sua disposição o velho argumento platonico da *razão historica*, das nossas descobertas, da fama dos nossos navegadores... E para oppor factos modernos, argumentos de colonisação portugueza, dados geographicos contemporaneos, aos argumentos do governo e da imprensa britannica, os jornalistas francezes não encontraram em Paris, nem livros, nem relatorios, nem revistas, nem cartas geographicas portuguezas, sobre que baseassem a sua argumentação e a sua defeza em nosso favor!

E a prova d'este facto está na surpresa com que em varias redacções de jornaes parisienses foram vistas duas cartas officiaes da Africa oriental portugueza, acabadas de gravar por ordem do governo portuguez, e que me foram communicadas á ultima hora por um illustre diplomata, e por um illustre africanista que é uma gloria da nossa terra.

Dizer que a imprensa é hoje em dia uma força prodigiosa e um prodigioso auxiliar para a propagação de todas as grandes ideias e de todos os grandes principios, é já uma banalidade corrente. O que não impede que essa banalidade ainda não encontrou plena acceitação da parte dos

homens que mais teem influido na nossa politica exterior.

Por uma falsa e velha theoria dos segredos e dos mysterios que devem envolver todas as relações exteriores que o nosso paiz entretém com os governos das outras potencias — como se hoje em dia os segredos diplomaticos não sejam verdadeiros segredos de Polichinello! — succedeu agora que os documentos que provam e demonstram os direitos de Portugal em Africa só se achavam em pequenissimo numero, nos archivos das chancellarias. E como é da tradição que as chancellarias devem fechar as suas portas aos enviados da Imprensa, succedeu que a imprensa franceza não encontrou elementos para uma defeza solida dos nossos direitos em Africa, e das posições occupadas na região dos Makololos pela expedição Serpa Pinto; assim como considerou simples exaggero patriótico, a afirmação que foi feita a mais d'um jornalista parisiense conhecedor de questões africanas, de que o nosso districto do Zumbo não é uma conquista portugueza da ultima hora, á ultima hora incluída nas nossas cartas d'Africa, — mas conquista e possessão antiga, dominio de Portugal, já indicado na carta do marquez de Sá da Bandeira!...

Tudo isto provém, não como se attribue ligeiramente em Portugal a ignorancia geographica dos escriptores francezes, pois que Paris possui a primeira escola do mundo em assumptos politicos e colonias — a *Escola de sciencias politicas* — mas da falta de propaganda e de dados officiaes que ha na Europa acerca das questões portuguezas. E tudo isto provém da falta de comprehensão do que é a propaganda pela imprensa, ou do desleixo d'aquelles servidores do Estado, sempre tão zelosos no recebimento dos seus honorarios, sempre tão descuidados no patriótico cumprimento dos seus deveres...

D'um facto bem frizante d'este desleixo, ou d'esta falta de comprehensão, fui eu testemunha durante o periodo em que servi de secretario da Commissão portugueza da Exposição Universal de Paris, de 1889.

Ao abrir a Exposição Universal, todas as secções estrangeiras, com poucos dias de intervalo, tinham impressos, distribuidos e postos á venda os seus catalogos officiaes. Todos os paizes da Europa tinham chegado ao mesmo tempo com o catalogo official dos seus expositores e dos seus productos, — excepto nós, excepto Portugal!... E em todos esses catalogos se via, como prologo, um quadro succinto do estado financeiro, commercial, industrial e agricola, de cada paiz expositor.

Tenho na minha frente o catalogo official das secções suizas. Esse catalogo é uma maravilha de precisão e de clareza. A exposição do sumario é o bastante para se avaliar da sua importancia.

1. Situação, fronteiras e extensão do paiz. — 2. Instituições politicas. — 3. População: numero de habitantes, emigração, localidades principais, linguas, religiões, profissões. — 4. Instrução publica: escolas de grau inferior, escolas de preparação para o ensino, escolas superiores, escolas universitarias, despesas em favor da instrução publica. — 5. Exercito. — 6. Bellas-artes. — 7. Industrias: notas gerais, importancia dos diversos ramos da industria, legislação industrial. — 8. Agricultura e economia florestal: agricultura, agronomia e viticultura, industria do leite, criação de gado, florestas. — 9. Commercio: notas gerais, noticia do commercio especial com as cinco partes do mundo, noticia dos paizes de proveniencia e de destinação. — 10. Movimento dos estrangeiros. — 11. Meios de communicação: notas gerais, caminhos de ferro, navegação, tramways, correios, telegrafos, telephones. — 12. Pesos e medidas, moedas. — 13. Bancos, caixas economicas, seguros: seguros sobre a vida, seguros contra os accidentes, seguros contra incendios, seguros de transportes, outros generos de seguros.

O que fez a Suissa, para mostrar não só á França, mas a todo o mundo representado em Paris, fizeram-o tambem nos seus catalogos todos os paizes da Europa e da America. O Brazil



reunio n'um volume intitulado — *Le Brésil en 1889* — o balanço da sua riqueza, do seu estado de civilização. O sumário d'esse volume collaborado pelos primeiros escriptores e economistas brasileiros, e impresso em Paris sob a direcção do sr. F.-J. de Sant'Anna Nery, também merece ser lido, para se conhecer a importancia d'esse trabalho. Eil-o :

1. Introdução. — 2. Nôgões geras. — 3. Hydrographia. — 4. Climatologia. — 5. Mineralogia. — 6. Esboço da historia do Brazil. — 7. População, territorio, eleitorado. — 8. Trabalho servil e trabalho livre. — 9. Zonas agricolas. — 10. Instituições agricolas. — 11. Pezos, systema monetario. — 12. Finanças. — 13. Bancos e instituições de credito. — 14. Caminhos de ferro. — 15. Commercio e navegação. — 16. Correias, telegraphos e telephons. — 17. Imigração. — 18. Imprensa. — 19. Arte. — 20. Instrução publica. — 21. Literatura. — 22. Sciencias. — 23. Propriedades industrial e litteraria. — 24. Protecção á infancia. — 25. Organização judicial. — 26. Arsenaes de marinha.

E todos estes catalogos e livros especiaes acerca do estado de cada paiz eram acompanhados de cartas geographicas, tracadas e gravadas com o maior escripto scientifico.

Vejamos agora o que fez Portugal, o que fizeram os homens encarregados da organização do nosso catalogo official, das suas trez secções : Industria, Agricultura e Colonias.

Em primeiro lugar, esse livro que podia ser um poderoso meio de propaganda portugueza durante o periodo da Exposição de Paris, só appareceu impresso na fim da Exposição!... Dêxe ser dito em abono dos Delegados agricolas que foram elles os primeiros, e muito a tempo, que apresentaram completas as listas dos seus expositores e dos seus productos. Mezes depois chegaram as listas industriaes... e depois as listas colonias...

Mas não houve, nem quem escrevesse um estudo acerca da nossa Agricultura, nem da nossa Industria, nem das nossas Colonias. E a introdução ao catalogo colonial foi feita á ultima hora, sem elementos, sem dados officiaes, sem cartas, sobre a noticia que a Sociedade de Geographia de Lisboa havia feito ha annos para o catalogo da sua Exposição em Anvers!...

Como podemos pois contar com o poderoso apoio da imprensa europeia, e especialmente da imprensa franceza, quando em França não ha elementos officiaes de especie alguma para um jornalista ou um economista poder estudar o nosso paiz, a sua riqueza agricola e a sua riqueza colonial?...

E quando surge um conflicto como o que acaba de surpreender toda a Europa, e de provocar a indignação da opinião publica, que é toda do nosso lado, — a imprensa só nos pode defender em vista do insulto recebido, mas não em vista dos nossos direitos, pois que para isso não tem elementos de comparação, nem de estudo!

E de quem é a falta?... Meu Deus! a falta tem de recahir sobre os governos passados que discutem as questões africanas, que hoje preoccupam toda a Europa, apenas de portas a dentro, ou então em segredo com as chancellarias estrangeiras, e como seus agentes diplomaticos no estrangeiro. E a França, e a Alemanha, e a Inglaterra, distribuem por toda a parte as cartas das suas possessões em Africa. Cada um destes paizes vai pondo as suas cores nas regiões sobre que ha duvidas, e que não podem trazer conflictos diplomaticos entre grandes potencias. Nessas cartas nunca se ve o nome de Portugal, nem a côr de Portugal, e ninguém fica sabendo ao certo o que são e onde ficam os dominios portuguezes!...

E quando um portuguez mostra n'uma redacção de Paris uma carta da Africa oriental, como a ultima impressa e que me foi communicada ao mesmo tempo por um illustre diplomata e por um illustre explorador — carta que só por um acaso eu pude obter em Paris no dia em que se soube do insulto que acabavamos de receber da Inglaterra — a redacção fica boquiaberta da

extensão e da importancia dos nossos dominios, porque julga, segundo as cartas estrangeiras que correm mundo, que a nossa posição em Africa equivale aos Estados pontificios... Leão XIII affirmando que Roma lhe pertence, mas Roma pertencendo de direito a Italia!...

E' para esta falta de propaganda portugueza na Europa que eu ousou chamar a attenção de Vossa Excellencia, vindo-lhe roubar alguns minutos n'este momento em que o governo portuguez tem de resolver uma tão grave questão patriótica.

Eu já antevio sorrisos de semelhante audacia da minha parte : por que não sou conselheiro, nem director geral, nem deputado, nem par do reino, nem mesmo diplomata — coisa que é tão facil ser pelos tempos que vão correndo... Mas sou portuguez, sou jornalista amante da minha patria, e contrange-me o coração e enristoece-me o espirito ver a ignorancia que ha na Europa acerca do meu paiz, devido unicamente ao desleixo, á incuria, das regiões officiaes.

As viagens de Capello, de Roberto Ivens, de Serpa Pinto e de Cardoso, são mal conhecidas da imprensa. Em França são ignoratos os notabilissimos estudos africanos do sr. Jayme Baltha Reis, e d'outros notaveis africanistas portuguezes. Não ha uma ideia exacta do nosso desenvolvimento colonial, como tambem se não faz uma ideia da nossa riqueza agricola. Portugal é mais ignorado em França, do que o Brazil ou a Republica Argentina, — dois paizes que tem sido incansaveis na sua propaganda na Europa, por intermedio da imprensa e das exposições successivas.

E' esta uma lacuna importante que é necessario preencher quanto antes, e á qual tem prestado pouca attenção a diplomacia portugueza. O insulto que acabamos de receber da Inglaterra, e o nenhum auxilio prestado n'este transe a um pequeno paiz pelas grandes potencias, veio provar que nada devemos contar, nem com a diplomacia, nem com as conferencias, nem com os congressos. Os mais fracos estão hoje á mercê dos mais fortes, dos mais arrogantes e dos menos escrupulosos.

Resta-nos appellar para a opinião publica de toda a Europa, mostrando-lhe o que é nosso, o que fazemos, quizes os esforços que praticamos e tencionamos praticar. Em vez de mostrar o que realmente somos, quizes os nossos direitos, a meio d'uma de diplomatas — tratemos primeiro de grangear pelos documentos officiaes da nossa intelligencia, da nossa actividade, da nossa riqueza e do nosso patriotismo, as sympathias da opinião publica.

Antigamente eram os diplomatas que representavam a sua vontade aos povos — pela simples razão de que os povos não tinham vontade. Hoje tudo se transformou na velha Europa, e são os povos por intermedio da sua imprensa que impõem a sua vontade aos homens d'Estado, mesmo quando elles são chancelleres de ferro.

Fui a avidez, a cubicia, a inveja, a soberba, a insolencia da imprensa ingleza que levaram lord Salisbury ao acto insolito que toda a Europa hoje condemna. Foi o grato de indignação da imprensa franceza, hespanhola, italiana e alemã em face do insulto que nos foi feito, que obrigou os seus indistinctos e cheios de estado a affirmarem a sua verdadeza junto do gabinete de Saint-James.

Examine agora o governo portuguez encetar uma tal propaganda para mostrar, não ás chancellarias, mas á imprensa de toda a Europa, o que é Portugal, e a sua riqueza colonial, e que elementos ha de civilização e de progresso o nosso paiz para revelar a vista do seu futuro e dos seus milhões, ao limoral e ao interior d'Africa.

Nossa excellencia que deve conhecer como pouco a força de que a Imprensa hoje dispõe, Vossa Excellencia que acaba de pôr de lado a sua penna de jornalista para ir occupar o lugar elevado que essa mesma penna lhe grangeou, —

Vossa Excellencia, melhor que ninguém, deverá comprehender a razão e a justiça das minhas palavras, procurando por todos os modos que Portugal passe a ser devidamente conhecido no estrangeiro.

Hoje em dia as grandes potencias são respeitadas, porque são fortes e arrogantes. E dos pequenos paizes só são respeitados aquelles que collaboram generosamente na realização de ideias de civilização e de humanidade, de que os estadistas se riem, mas que os povos tanto admiram e tanto applaudem... Tal é o nosso caso!

Sómente, como mostrar que estamos animados de tão nobres ideias, se não encetamos uma propaganda portugueza em todos os paizes europeus?... E' ao governo que Vossa Excellencia hoje preside, que compete estudar os meios de levar a effeito semelhante propaganda. Eu dou-me por feliz — não sendo, nem mesmo diplomata — de ter podido descobrir o remedio para combater uma das causas da nossa fraqueza moral em face da opinião publica da Europa...

De Vossa Excellencia

Com toda a consideração e respeito,

MARIANO PINA.



## A INGLATERRA

*Lá vem a esquadra ingleza! Ao longe a vejo,  
Como um vulcão que corta os céus magoados.  
Quasi se apaga o sol, seccam-se os prados,  
Ao seu lethal, pestifero bafejo.*

*A's faces nos avulta o sangue e o pejo,  
Nos nossos corações batem cansados...  
Mas, ninguem foge! Guerra aos couraças!  
Ainda cabem muitos mais no Tejo.*

*Morrámos todos n'um diluvio inglorio!  
Mas de ao menos dignidade a Historia,  
Apontando as ruínas dos imperios;  
E a nós, a nós, a nós, a nós, a nós!*

*Almas feitas de luz e de fôrça,  
Não voltaram as costas aos piratas,  
Arrastando como um povo de gigantes  
Lisboa, (1890) 1-100*

I. Littera de Viscondeiros.

## PATRIA!

*Hojem, quando se insulta os milhes,  
Veio o povo, e com o seu bafejo  
Saudando o seu passado glorioso,  
Cobriu de cêres a estatua de Camões.*

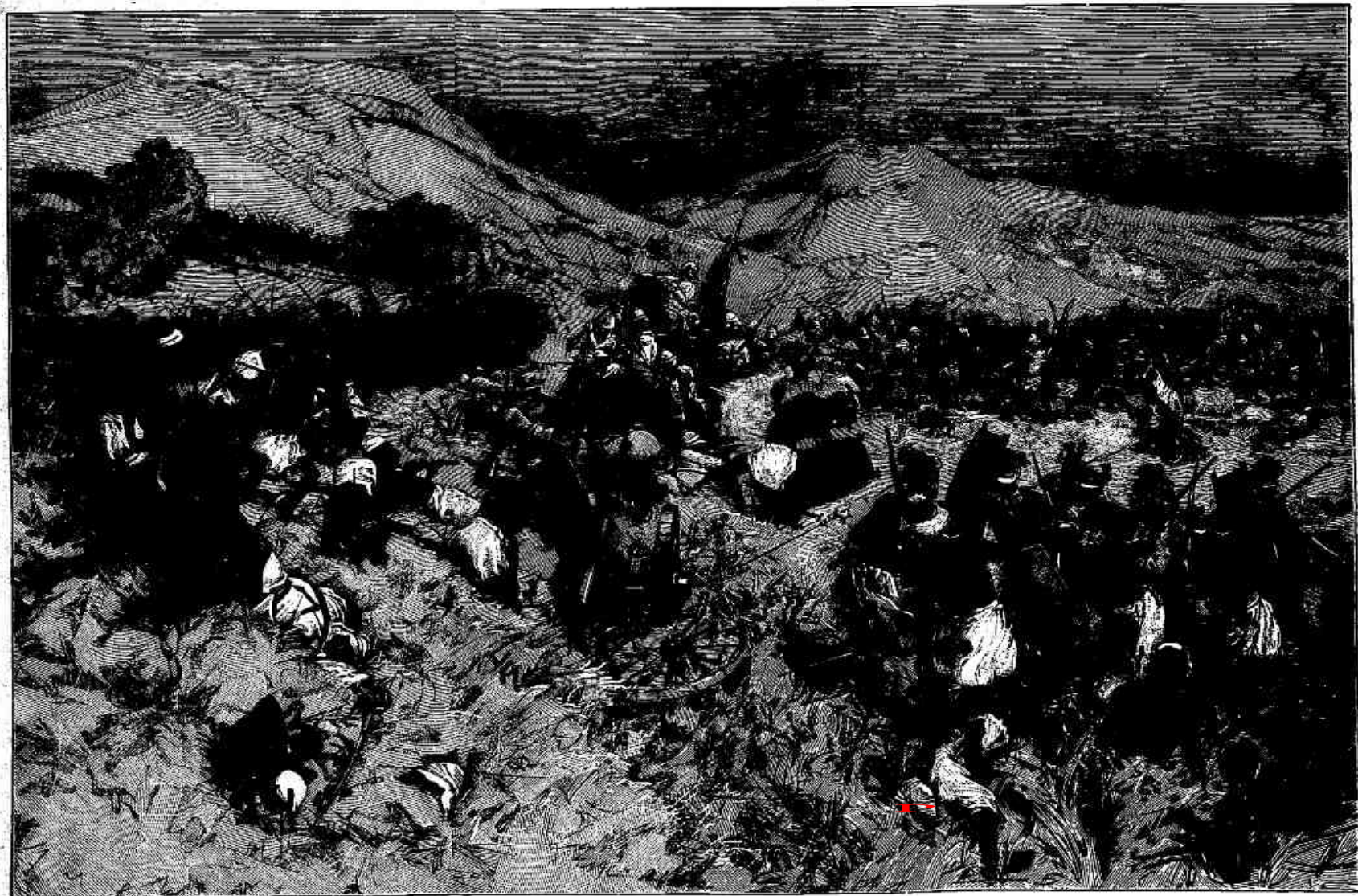
*Ao desdobrar-se o mar, e o seu ruído,  
Velando a frente dos incógnitos  
Veio cortar os nossos pozos  
Um soluço portuguez e doloroso.*

*Tudo ergueu a cabeça, e confidencia  
— Que peito e que poder se dá gemas  
Tão triste, tão profundamente solta?*

*E a multidão, olhando a estatuinha inquieta,  
Viu pela bronzeeada fronte do poeta  
Centenas de annos de lagrimas e de...*

ACCACIO ANTUNES.





OS INGLEZES. — Como estes sujeitos civilizam a África!



## OS PORTUGUEZES EM PARIS

N O DIA 18 de janeiro reuniram-se em Paris, na sala da rua Vivienne, 51, a convite d'uma comissão compostos srs. Alves da Veiga, José Vaz, Sousa Ferreira, Joaquim Coimbra, Jorge Godinho, Rodrigo Soares e Xavier de Carvalho, os portugueses residentes n'esta capital, para protestarem contra a insolência do governo inglez, e agradecerem á imprensa franceza a nobre e generosa defesa que n'esta questão tem prestado a Portugal.

As circulares que a commissão expedio a todos os nossos compatriotas eram assim concebidas:

Ex.<sup>o</sup>. S.<sup>o</sup>.

Um grupo de portugueses que collocam acima das questões de corleie e de partido politico os interesses da patria, guiados pelas tradições da nossa velha e heroica raça que no seculo XV encheu o mundo com a gloria dos seus descobrimentos maritimos: rogam a todos os seus compatriotas para que compareçam sexta feira por volta das 8 1/2 horas da noite,



JULIO CESAR MACHADO.

na rua Vivienne, 51, 1.<sup>o</sup> andar a uma reunião que tem por fim:

1.<sup>o</sup> A redacção d'um protesto contra o acto revoltante do governo inglez para com as nossas possessões africanas;

2.<sup>o</sup> E agradecer á imprensa parisiense, sem distincção de partido, a maneira ao mesmo tempo generosa e digna como se tem manifestado sempre em favor das justas reivindicações de Portugal.

O pensamento d'esta reunião é de tal ordem patriótico que, emfrente do insulto que todos nós acabamos de soffrer, esperamos a comdarencia dos nossos amigos e compatriotas que virão ali, afirmar, d'alto, os mais profundos sentimentos de honra e amor patrio.

Paris, 15 de Janeiro de 1890.

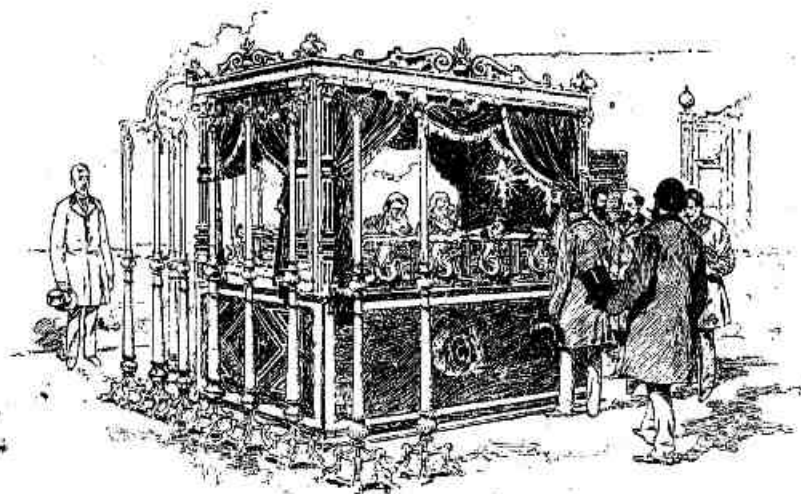
A um tal convite, onde se punham de parte todas e quaesquer opiniões politicas, não podia faltar um só portuguez. E assim succedeu, com rarissimas excepções.

Nunca imaginámos que fosse tão numerosa a colonia portugueza de Paris! Quzido julgavamos encontrar reunidos uns 30 ou 50 compatriotas nossos, qual não foi a nossa admiração e a nossa alegria vendo-nos em face de cerca de 300 portuguezes pertencendo a todas as classes da sociedade.

Que alegria não pode ser tamanha  
Que achar gente visinha em terra estranha!



CARTA DAS POSSESSÕES PORTUGUEZAS NA AFRICA ORIENTAL.



A CAPILLA ARDENTE DE GAYARRÉ NO Foyer da OPERA DE MADRID.



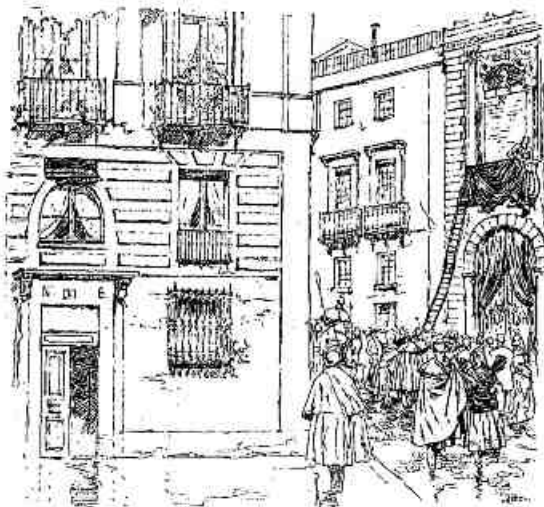
GAYARRÉ NO LEITO MORTUÁRIO.

Via-se a nossa intelligente sympathica mocidade das escolas, a mocidade que se prepara hoje em Paris, nas escolas do *quartier latin* para levar mais tarde para Portugal as sementes do genio francez; viam-se negociantes, empregados de commercio, operarios, jornalistas; e todos, mais ou menos divididos por opiniões politicas, todos reunidos pela simples ideia da patria, todos decididos a protestar contra o insulto da Inglaterra, provando assim a Portugal que os portuguezes nunca esquecem no estrangeiro o seu paiz, pelo contrario mais se lhe aviva o orgulho e o brío nacional.

Difficilmente se tornara a ver em Paris uma tão sympathica e tão commovedora reunião de compatriotas, uma tal união, uma tal approximação de corações portuguezes, um tal exemplo de confraternidade.

E' escusado citar nomes. A esta reunião para que tinha sido convidada a imprensa de Paris, assistiam redactores de todos os jornaes, assim como um redactor da *Agencia Havas*. A's nove horas a commissão organisa-

dora appareceu para abrir a sessão, e propoz para presidente o sr. dr. Alves da Veiga, antigo deputado republicano, de passagem em Paris.



A CASA ONDE MORREU GAYARRÉ.

Foi eleito por aclamação. Em seguida o sr. Xavier de Carvalho e o sr. dr. Alves da Veiga indicaram para secretario o nosso director Ma-

riano Pina que se achava na sala como simples assistente. Uma prolongada salva de palmas de todos os assistentes e em especial da mocidade portugueza do *quartier latin* acolheu a indicação para secretario do nosso director. A mesa ficou pois constituída pelos srs. dr. Alves da Veiga, Xavier de Carvalho e Mariano Pina. Ao lado da mesa tomou assento o sr. Ruiz Zorilla, o grande democrata hespanhol que, acompanhado do banqueiro hespanhol sr. Calzado, deputado ás Cortes, quizera manifestar a sua sympathia pelos portuguezes n'este doloroso momento.

Tomou a palavra em portuguez o sr. Alves da Veiga que, n'um patriótico e commovido discurso, protestou contra o insulto da Inglaterra, agradecendo á nobre imprensa de Paris o modo generoso como nos tem defendido.

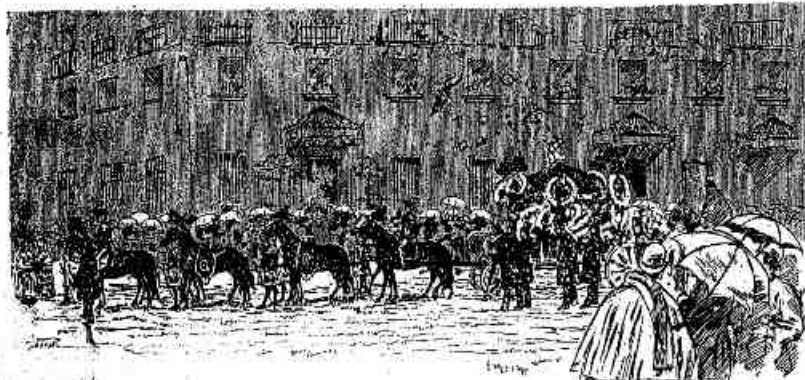
Descendo á analyse dos factos occorridos o sr. Alves da Veiga analysou sob o seu ponto de vista politico a attitude do governo transacto n'esta melindrosa questio. O seu discurso não foi uma accusação que levantasse protestos ou acordasse discordias partidarias, — foi apenas uma critica. E em todas as passagens em que o orador evocava as nossas grandezas passadas, a nossa brilhante historia, o quanto temos contribuido para a civilisação africana, a assembleia applaudiu-o com todo o entusiasmo.

O discurso do sr. dr. Alves da Veiga terminou com um sentido agradecimento á França e á imprensa franceza. N'este momento só se ouviram os gritos de *Viva a França! Viva Portugal!* e os jornalistas parisienses rigorosamente aclamados respondiam aos nossos vivas com calosos vivas ao nosso paiz.

Em seguida foi dada a palavra ao nosso director Mariano Pina que em portuguez pediu licença aos nossos compatriotas para fallar em francez e expôr aos jornalistas ali presentes a historia do conflicto. O seu pedido foi acolhido com uma ruidosa salva de palmas. Em seguida o nosso director saudou em francez a imprensa franceza ali representada, sollicitando a sua benevolencia para as falhas que pudessem praticar fallando n'uma lingua que não era a sua. Este começo do seu discurso foi logo muito applaudido pelos jornalistas presentes.

Depois começou a historia do conflicto entre a Inglaterra e Portugal; traçou o quadro da nossa situação em Africa; comparou a influencia portugueza, devida unicamente aos seus exploradores, aos seus engenheiros e aos seus missionarios, com a influencia ingleza conquistada apenas á força de pillagem, de rapina e de sangue.

\* O inglez — disse o nosso director — sabe perfeitamente que não pode entrar em Africa se não pela guerra e pela destruição, que por toda a parte se lhe levantam difficuldades, tendo de fazer vergonhosa guerra, como na Zululandia, para se poder sustentar em qualquer ponto. O inglez sabe que colonias só as pode obter á custa do sangue dos seus soldados; sabe que o nome portuguez é o que maior prestigio tem em todas as regiões, que o gentio nunca fez a guerra aos nossos irmãos. E então espera que Portugal



O ENTERRO DE GAYARRÉ NAS RUAS DE MADRID.



prepara os indígenas para aceitar a civilização, e depois roubam os colonos que nós civilizamos, porque tem canhões, porque tem couraçados...

« E' infame!... O inglez sabe perfeitamente que o lago Nyassa foi descoberto pelos portugueses, que Livingstone se servio de notas portuguezas para emprender a sua viagem, e nega-o, afirmando que o lago é inglez! Sabe perfeitamente que o distrito do Zumbo não é uma descoberta nossa da ultima hora, que já se achava determinado na carta do Marquez de Sada Bandeira, e nega-o, attribuindo-o ao dominio inglez! Sabe que a lição applicada aos Makololos pelo nosso heroico Serpa Pinto, foi devido ás intrigas dos missionarios escocezes e do intrigante Johnston, que revoltaram aquella região contra a influencia portugueza, e nega o tambem! O inglez só sabe mentir, só sabe illudir a opinião da Europa, quando se trata de estender o seu dominio á custa d'um povo que não pode oppor canhões a canhões, nem couraçados a couraçados.

« Ainda ha mais! Não são os makololos que a Inglaterra desceja contar como aliados, ou como subditos da rainha Victoria. O que a Inglaterra procura n'este *guet-apens* colonial que ha annos anda preparando ao nosso governo, é apossar-se de Lourenço Marques, da grande bahia de Delagoa, para assim possuir a entrada natural do Transval, esmagar os corajosos boers e expoliar os das suas minas d'ouro! E o que ella tambem procura, roubando-nos o Zambeze, é enriquecer á custa de Portugal a companhia que tem por presidente ou por director o duque de Fife, genro do principe de Galles.

« Ora Portugal, em vista da falsidade e da hypocrisia ingleza, em vista do insulto que acaba de receber, da humilhação por que acaba de passar... abrio os olhos! E vio que as alianças de governos, assim como as alianças de cabecas coroadas, quando se trata d'um pequeno Estado ultrajado por um grande, para nada servem! E o povo portuguez ergueu-se n'um momento de revolta para gritar contra o ladrão, contra o insultador da nossa dignidade, e para gritar com todas as forças da sua alma: Viva a França! Viva a Hespanha!

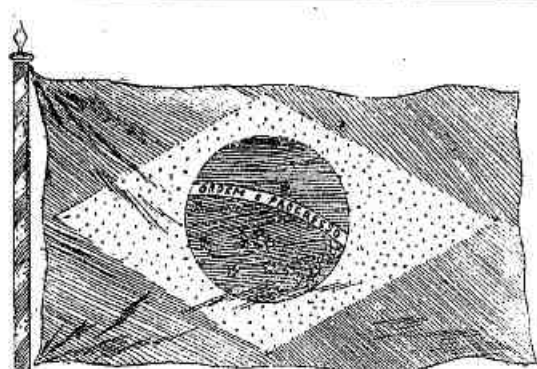
« Não pensem agora que isto seja uma explosão ou uma adhesão passageira. Podeis dizer á França, senhores jornalistas de Paris, que esta explosão de sympathia não é questão de momento. Todo o portuguez tem alma franceza! Nas nossas escolas os estudantes aprendem por livros francezes. Os nossos escriptores e os nossos artistas são todos os olhos voltados para Paris. E quando sabemos de cor Camões, tambem sabemos Victor Hugo!...

N'este momento toda a assembleia se pôz de pé, e os jornalistas parisienses assim como todos os nossos compatriotas fizeram a Mariano Pina a mais calorosa e a mais sympathica ovação.

Esta reunião foi para o nosso director um verdadeiro triumpho oratorio, e os assistentes não sabiam que mais applaudir no seu discurso, se o ardor patriótico, se as pittorescas e justas observações que elle fez acerca da situação de Portugal e da Inglaterra em Africa, se a facilidade e o brilhantismo com que se exprimio em francez.

De perto todos os jornaes de Paris, a começar pelo *Figaro*, *Temps*, *Journal des Débats*, *Matin*, etc., se occuparam largamente do seu discurso, pondo em evidencia a sua eloquencia e a correção com que discursou em francez.

Para que não julguem exaggero da nossa



A NOVA NADEIRA DO BRAZIL.

parte, passamos a transcrever um trecho do artigo do *Voltaire*, em seguida ao *compte rendu*, do discurso em portuguez do sr. dr. Alves da Veiga:

On applaudit à tout rompre et, alors, une touchante manifestation se produit en faveur de la France et de la presse française.

C'est un de nos confrères, M. Mariano Pina, correspondant à Paris des journaux de Lisbonne, qui la provoque dans une allocution fort bien dite et fort bien pensée.

Au nom de la presse de son pays il remercie les journaux français de tous les partis pour l'appui généreux qu'ils ont donné spontanément à la cause du Portugal. Il retrace en quelques mots l'histoire du conflit qui a éclaté entre l'Angleterre et sa patrie. Et dans un langage chaleureux il montre l'Angleterre impitoyable envers les nations moins fortes qu'elle, usant de sa force pour priver le droit, envahissant peu à peu tous les pays du monde où les autres peuples, avant elle, ont porté la civilisation.

Ce n'est pas la civilisation, dit-il, que les Anglais veulent introduire en Afrique, oh non! C'est leur commerce et leur influence! C'est pour cela qu'ils ont pris au Portugal des colonies de l'Inde et c'est pour cela qu'ils envoient Livingstone au lac Nyaza. Eh bien, le moment est venu où le Portugal, revenant de ses préjugés et de ses vieilles croyances, comprend que les alliances principatiers sont chimériques et que les seules durables, sont les alliances des peuples entre eux. Voilà pourquoi les Portugais sont profondément reconnaissants à la France et à l'Espagne de la sympathie qu'ils leur témoignent en ce moment douloureux. L'âme portugaise, s'écrie-t-il, est une âme française, depuis longtemps, et j'en appelle à tous nos compatriotes présents à cette réunion.

A ce moment, toute la salle se debouff. On crie: « Vive la France! Vive la presse française! Les représentants des journaux parisiens se lèvent, eux aussi, et répondent: « Vive le Portugal! »

Ao concluir o seu discurso Mariano Pina foi aclamado por toda a assembleia, e especialmente cumprimentado pelo sr. Dr. Alves da Veiga e pelo illustre republicano hespanhol sr. Ruiz Zorilla.

Em seguida o sr. Ruiz Zorilla tomou a palavra para dizer á assembleia que ali tinha vindo para testemunhar mais uma vez a sua sympathia e o seu amor pelos portuguezes, e para aconselhar os portuguezes a que amassem e respeitassem sempre a França, porque sem a França forte e poderosa, nenhuma obra grandiosa, e civilisadora, e humanitaria, se poderia levar por diante. E participou que ia recomendar a todos os seus amigos que cooperassem para o bom exito da grande alliança latina.

No mesmo sentido usou da palavra o sr. Jacard redactor da *Justice* de Paris, e o sr. Amilcare Cipriani democrata italiano.

A reunião terminou com a seguinte moção votada por unanimidade:

« Les Portugais résidant à Paris protestent avec indignation contre l'attentat dont vient d'être victime leur patrie de la part du gouvernement anglais, ils adhèrent solennellement à toutes les manifestations qui se font dans leur pays et remercient la presse française de sa courageuse coopération dans ces douloureux événements. »

De todos os jornaes de Paris só o *Gaulois*, jornal *orientalista*, se lembrou de afirmar que a reunião não era a expressão da colonia portugueza de Paris; que havia sido uma manifestação puramente republicana; que o governo francez a devia ter prohibido; e outras phrases n'este sentido. Immediatamente o nosso director enviou a seguinte carta ao director do *Gaulois*:

Monsieur le Directeur,

Je viens de lire dans votre journal que « les membres du parti de la colonie portugaise se proposent de se livrer à une manifestation monarchique pour prouver que ni leurs sentiments ni leurs personnes n'étaient suffisamment représentés à la réunion d'avant-hier. »

Cette note que vous dites tenir de source certaine a étonné beaucoup les Portugais sans distinction de partis qui se sont réunis vendredi dernier, à la salle de la rue Vivienne, pour remercier la presse française de la noble façon dont elle a défendu les intérêts de notre patrie.

Pour ce qui me concerne, simple journaliste, j'ai eu de mon devoir de Portugais d'assister à cette réunion où j'ai trouvé des monarchistes, ainsi que des républicains. Et j'ai pris la parole pour montrer aux représentants de la presse certains côtés de la question, certains détails sur la situation du Portugal en Afrique, détails que je tenais de source officielle. La réunion a été, quoique l'on puisse vous dire, l'expression de la colonie portugaise de Paris; et je regrette qu'il se puisse trouver aujourd'hui quelqu'un pour protester, — car ceux qui ont voulu protester en séance ont pu le faire librement. Le devoir de tous les Portugais était d'aller à cette réunion, car il n'y avait là ni monarchistes, ni républicains, mais seulement des patriotes qui voulaient protester de leur amour pour le Portugal, et de leur reconnaissance envers la presse française.

Veuillez agréer, Monsieur le Directeur, l'assurance de ma haute considération.

MARIANO PINA.

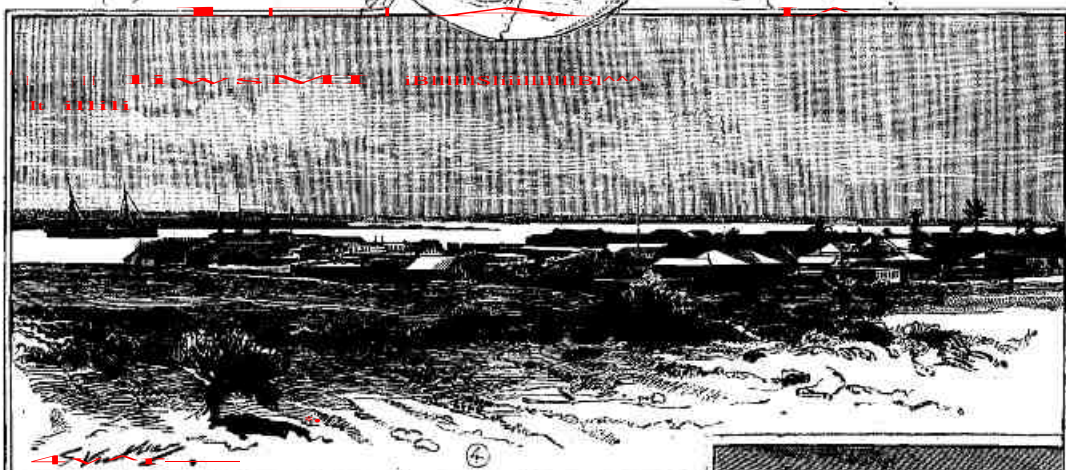
Esta carta foi o ponto final a quaesquer invenções ou mais interpretações da imprensa partidaria. A reunião foi puramente patriótica. Toda a colonia portugueza teve d'ella conhecimento por convites especiaes e pelos jornaes de Paris. Se algum portuguez no dia seguinte, depois dos longos artigos que a imprensa franceza consagrou aos oradores, reconheceu que a maioria dos oradores havia sido democratica, que esse portuguez não tivesse fallado á reunião para protestar em nome d'outros principios, como fizeram outros portuguezes presentes que não occultaram o seu respeito pelo monarcha, nem as suas sympathias pela casa de Bragança, como o provou o nosso collega L. Cardozo de Bethencourt, com as suas interrupções em favor da monarchia.

De resto toda a assembleia estava animada dos mesmos sentimentos que as *Novidades*, jornal do sr. conselheiro Emygdio Navarro, que ninguém pode accusar de republicano, exprimia em artigo de fundo no dia 16 de janeiro ultimo:

Mantemos as nossas opiniões, não repudiamos as nossas responsabilidades politicas, não desertamos da nossa bandeira partidaria. Mas, no que diga respeito ao desenvolvimento das nossas forças defensivas e aggressivas, no que interesse ao levantamento do nosso prestigio militar e naval, em tudo que possa concorrer para tirarmos um desaggravo, com juras de mil por cento, do ultrage e da violencia, que nos fez o *inglês*, para nós não haverá nem miguelistas, nem republicanos, nem regeneradores, nem esquerdistas, nem *porto franco*, nem socialistas! Serão todos elles nossos correligionarios; e com todos cooperaremos lealmente e dedicadamente, sem nos preoccuparmos de quem assim possa adiantar-se, ou de quem tenha de perder terreno. O que for mais efficazmente patriota, será o mais digno. Em nome do bem publico, e da dignidade nacional vilipendiada, pedimos a todos os partidos a mesma reciprocidade; a todos os cidadãos a mesma confraternidade!

N'esta reunião um portuguez, sr. Adriano de Oliveira, propoz á assembleia que se estudasse

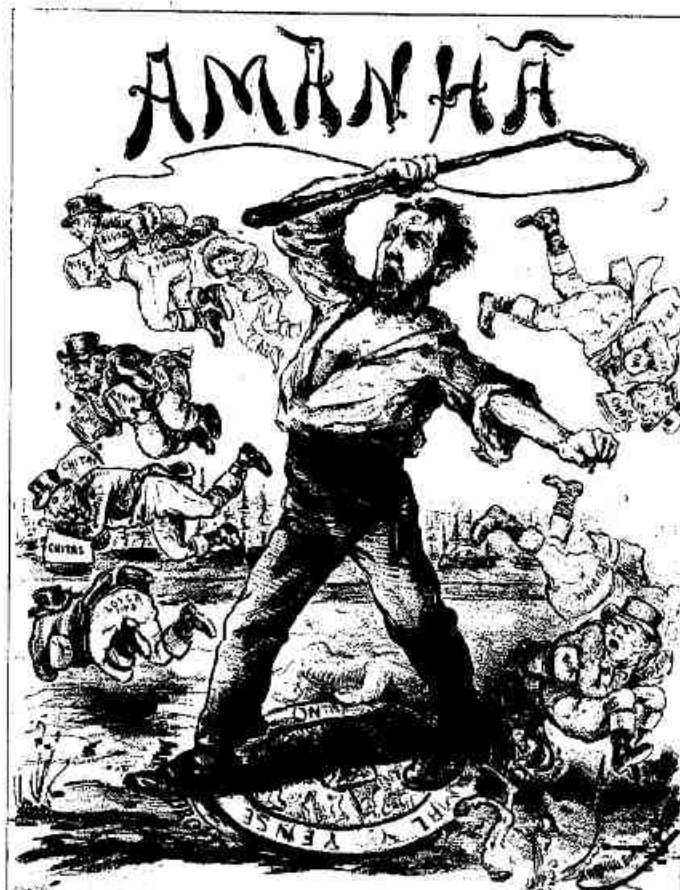




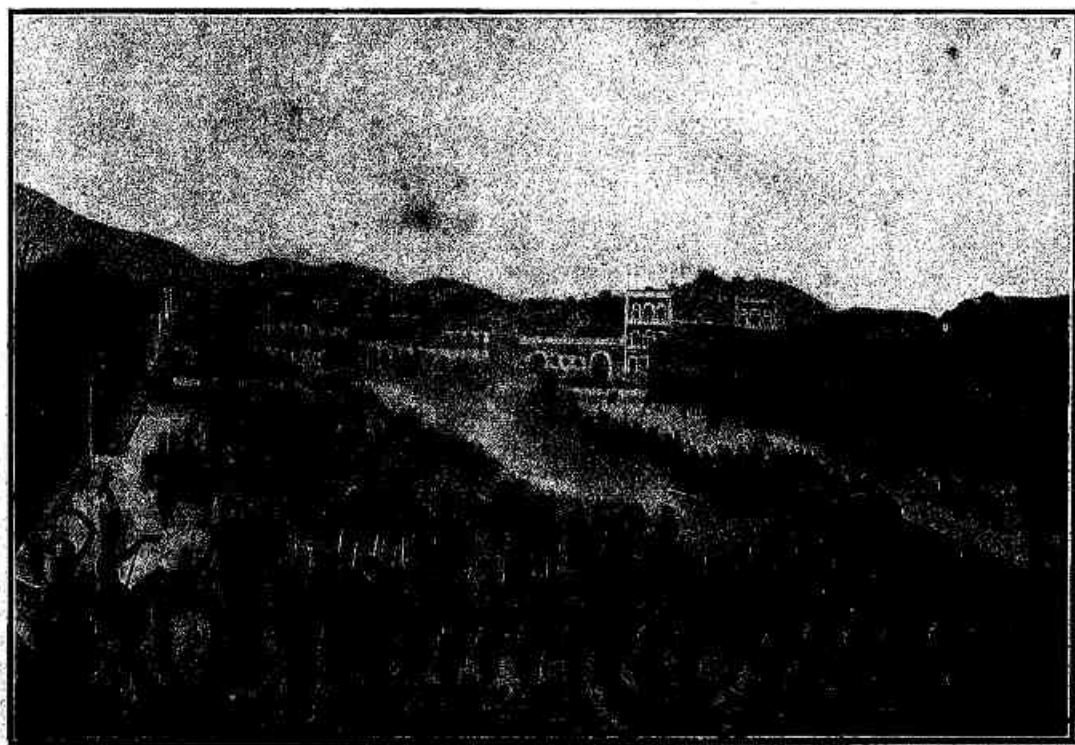
1. Antonio de Serpa Pimentel, — 2. Lord Salisbury, o inimigo de Portugal. — 3. Henrique de Barros Gomra. — 4. A baía de Lourenço Marques. — 5. Indígenas. — 6. Chefes de tribos vizinhas de Lourenço Marques.

O CONFLITO COM A INGLATERRA. — VIVA PORTUGAL!...





GUERRA AOS INGLEZES!... — PAGINA REDUZIDA DOS 6 PONTOS NOS 1 E 2.



BRAZIL. — QUADRO DA PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA, NO DIA 15 DE NOVEMBRO, DIANTE DO QUARTEL GENERAL DO RIO DE JANEIRO.



o modo de levar a effecto a criação d'um gremio portuguez em Paris. Esta proposta foi accete por aclamação, e a assembleia encarregou o nosso director, secundado pelo sr. Adriano de Oliveira e Xavier de Carvalho, de estudar o modo de levar a effecto uma ideia tão sympathica.

Podemos afirmar que dentro em breve haverá em Paris um *Cercle portugais*, onde se reunam todos os portuguezes residentes ou de passagem na capital franceza.



## AS NOSSAS GRAVURAS

B. M. Affonso XIII

**A** PERIGOSA enfermidade de que foi atacado o rei-memino, e que dizera ter sido uma meningite, deu lugar no nobre paiz de Hespanha ás mais ténues manifestações. Em face da immensa dor d'esta mão tão digna de respeito e de admiração pelo seu tacto, pela sua bondade e pela sua elevada intelligencia, todos os partidos políticos, tão animados uns contra os outros no momento da formação d'um novo ministerio, addilaram as suas discussões. A população de Madrid, cheia de anxiedade, rodeara o Palacio real dia e noite, para saber noticias do augusto enfermo. E de todas as provincias, as mais sympathicas demonstrações vinham consolar na sua immensa dor a Rainha-regente.

Quando todo o perigo desapareceu, houve um suspiro d'allivio, não só em Hespanha, mas também em Portugal e em toda a Europa, em vista das graves complicações que a morte de S. M. podia acarretar.

Hoje que todos os espiritos accetam e comprehendem em Portugal a necessidade d'uma alliança com a Hespanha, e também com a França, para ver se as tres nações reunidas podem fazer face ás ambições dos povos anglo-saxões e ás insolências da Inglaterra, — hoje parece-nos que todos os nossos leitores verão com prazer e com interesse a rissonha e sympathica physionomia de S. M. Dom Affonso XIII, d'este menino sobre cuja cabeça pesam taes destinos.

Que Deus lhe dê muita vida, para que a Hespanha continue tranquilla e prospera, para que não rechemem na península ibérica maiores complicações internas, — porque já bastam as complicações no exterior, das quaes dependem a independencia, o futuro e a gloria das duas nações irmãs...

Ponhamos de parte velhos prejuizos. E tratemos, nós portuguezes, de nos unirmos aos hespanhoes e aos francezes, que são os nossos irmãos, pela raça e pelo espirito. Que as duas monarchias, portuguez e hespanhola, ponham de lado illusões de allianças com cabeças coroadas! Que ellas estendam os braços, sinceramente, para o governo da Republica, para a grande nação que durante 1880 deslumbrou o universo inteiro, com a sua intelligencia, a sua actividade, a sua força e a sua riqueza!

Que exemplo mais nobre de seriedade, do que o dado pelo sr. Carnot, durante o periodo da Exposição, sabendo fallar a todas as comissões estrangeiras, sem susceptibilizar de modo algum o corpo diplomatico de Paris!

Vejamos claro, que d'isso bem precisamos n'este momento. Não nos deixemos illudir com allianças ou auxilios da Allemanha. O parlamento allemão votou no dia 22 de janeiro gozoso marcos de subsidio para a companhia de vapores allemães que faz agora carreira entre Hamburgo e... Lourenço Marques!

O governo inglez vê este facto com maus olhos, e procura contrariar as relações allemães com Lourenço Marques e portanto com o Transvaal.

Quer dizer: tanto a Allemanha, como a Inglaterra, disputam a posse de Lourenço Marques... possessão portugueza!

Ora portanto, fuja-mos das garras do leopardo... mas não vamos cair nas do urso allemão!

Trate-mos pois de gritar:

— Viva Portugal!

— Viva a Hespanha!

— Viva a França!

### Os inglezes em Africa

Para que o publico comprehenda bem qual é a missão civilisadora dos inglezes em Africa, fomos procurar em revistas geograficas illustradas de Paris, dos annos de 1873, 1883 e 1885, varios episódios da influencia ingleza no continente negro.

Como se vê pelas gravuras feitas sobre documentos officiaes, os senhores inglezes só penetram em Africa por meio das peças d'artilheira, das metralhadoras, das espingardas, do revolver e da baioneta calada...

E' assim que elles civilisam os indigenas, — atirando-lhes como quem atira a lobos, ou a cães damnados...

Em compensação, os indigenas também ás vezes tomam boas desforças, e quando apanham d'estes chefes, um d'estes mandies, um d'estes algozes britannicos, ao alcance das suas axagais, — também lhe pagam na mesma moeda...

Ponham os olhos n'estas tristes paginas, e lembrem-se de que os inglezes estão dispostos a tratar connosco, como elles tratam com os pretos!

### Julio Cesar Machado

Todos os nossos leitores conhecem a desgraça que feriu Julio Cesar Machado, o nosso querido, o nosso illustre collaborador... Seu filho que tinha apenas dezoito annos d'idade, suicidou-se em Lisboa, por motivos que todos ainda ignoram...

E Julio Cesar Machado e sua esposa, que só viviam na adoração do filho estremecido, não podendo resistir a tamanha dor... resolveram suicidar-se também!

E' escusado descrever nos seus promenores a horrivel tragedia. Julio Cesar Machado foi encontrado morto em sua casa, depois de ter cortado com uma navalha de barba as grandes veias que passam pelos pulsos. Sua esposa havia feito outro tanto. Mas a pobre senhora ainda dava signaes de vida: foi transportada para o hospital de São José; e no momento em que escrevemos ainda havia todas as esperanças de a salvar.

Julio Cesar Machado era uma grande e nubre alma, e um espirito litterario de mais fina tempera. Era o verdadeiro typo do homem de letras, e pelo seu caracter e o pelo seu talento, occupava um lugar á parte na litteratura portugueza.

A Illustração perde um notavel collaborador. Nós todos que o amavamos, perdemos um grande amigo.

Em face de semelhante tragedia não se sabe o que se ha de dizer... O terrivel destino prepara-nos ás vezes tão estupidas e tão cruéis surpresas, que até nos arranca a expansão das lagrimas!

Fica-se fulminado, imaginando ser tudo isto ainda um pesadelo... E não é, infelizmente!

Julio Machado morreu!... E elle que foi sempre o homem mais feliz da terra, em poucos mezes passou pelas maiores, mais horroresas torturas... Tãmanhas... que só na morte encontrou finitivo para sua immensa dor!

### A Republica brasileira

Para complemento das muitas gravuras que temos dado acerca da proclamação da Republica no Brazil, mostramos hoje um quadro exacto do que foi o dia 15 de novembro de 1889, quando o marechal Deodoro da Fonseca proclamou a Republica em frente do Quartel General do Rio de Janeiro, diante do exercito e do povo. E' copia d'um quadro executado por um distincto artista brasileiro, cujo nome infelizmente nos não occorre n'este momento, o que não podemos obter em Paris, attendendo a que se nos extraviou esse nome entre papeis que tinhamos na nossa redacção.

Também mostramos aos nossos leitores o desenho da bandeira official da Republica dos Estados-Unidos do Brazil: bandeira verde, com um losango amarelo, tendo ao centro uma esphera azul com 20 estrellas representando os 20 estados do Brazil, e uma fita onde está escripto *Ordem e Progresso*.

Todos estes documentos nos foram communicados directamente do Rio de Janeiro. D'aqui enviamos mil agradecimentos aos nossos estimaveis correspondentes e leitores, que assim collaboram para o interesse artistico da nossa Illustração.

### O conflicto com a Inglaterra

As gravuras, retratos e carta d'Africa que publicamos no presente numero da Illustração são tirados do nosso collega parisiense o *Monde Illustré*. E do mesmo jornal, um dos de maior circulação

em toda a Europa, jornal que pela sua indole artistica e litteraria guarda sempre a maior reserva na apreciação dos factos politicos, transcrevemos o artigo do nosso director Mariano Pina, historizando o conflicto com esse paiz que depois de nos ter sugado por tanto tempo o nosso tiro, depois de ter feito um imperio colonial quasi todo a nossa custa, nos insulta d'um modo tão covarde, por intermedio de lord Salisbury.

Transcrevemos esse artigo para que o publico portuguez veja a propaganda patriótica que Mariano Pina tem feito na imprensa franceza, fornecendo documentos e noticias que mostrem claramente a França e a Europa a justiça da nossa causa e as razões que nos assistem na questão africana.

Também dos *Pontas nos* i reproduzimos em redução photographica uma pagina do nosso illustre amigo Bortaldo Pinheiro, em resposta ao insulto da Inglaterra, e ás grosserias com que os jornais de caricaturas inglezes, contentes com a covardia da sua força, tem mimoseado Portugal.

### • • Le conflit anglo-portugais.

La question qui vient d'agiter toute la presse européenne, et qui a produit une si grande émotion dans le Portugal, donnant lieu à une prodigieuse explosion de patriotisme et de haine contre l'Angleterre, le jour même où M. Paire, ministre anglais à Lisbonne, a présenté à M. Barros Gomes l'*ultimatum* de lord Salisbury, se réduit à ceci:

De tout temps les Portugais étaient établis dans les régions du Zambéze et du Chiré, régions voisines de la lac Nyassa. Ce même lac, que les Anglais prétendent avoir été découvert par Livingstone, était déjà connu des Portugais depuis le xvi<sup>e</sup> siècle. Et encore ce monsi<sup>r</sup>, l'illustre africaniste M. Jayme Batalha Reis, consul de Portugal à New-Castle, dans une lettre au *Times*, rappelait aux Anglais que c'étaient les Portugais qui avaient donné toutes les informations, indications et tout l'appui nécessaire à Livingstone pour pouvoir faire son voyage de 1859 à l'intérieur de l'Afrique.

Au commencement de l'année 1889 le gouvernement portugais avait envoyé une expédition au Chiré, sous la direction de M. Serpa Pinto, afin d'étudier la région, les caractères du fleuve et un important tracé de chemins de fer. Un jour qu'une partie de l'expédition, sous la direction de l'ingénieur M. Alvaro de Castellões, avançait pour étudier de nouvelles routes, les Portugais ont été attaqués par les indigènes *makololos*, peuplades des rives du Chiré, toujours soumises aux autorités portugaises.

M. Alvaro de Castellões résista héroïquement à l'attaque, et demanda des secours à M. Serpa Pinto. Celui-ci, étonné de ce qu'il venait d'apprendre, est allé porter aide à M. de Castellões. Il a fallu livrer bataille aux *Makololos* insurgés. Les indigènes devant les forces portugaises se sont soumis. Et alors M. Serpa Pinto trouve dans leur champ des drapeaux anglais; et il apprend que des missionnaires écossais et les autorités britanniques avaient conseillé aux indigènes de se révolter et de se déclarer sous le protectorat de l'Angleterre.

Le gouvernement portugais s'occupait en même temps du développement du district de Zumbo, que l'on voit déjà indiqué dans la carte portugaise du temps du marquis de Sá da Bandeira (1850). De son côté le gouvernement anglais, sans y avoir égard, organisait sa compagnie africaine du Zambéze, sous la présidence du duc de Fife, et se préparait à disposer du Zumbo, ainsi que d'un territoire n'appartenant à aucun pays.

M. Barros Gomes suivait depuis trois ans, avec beaucoup de fermeté, un grand plan de colonisation dans l'Afrique orientale. Il cherchait même une entente avec la France et l'Allemagne. Le Portugal l'avait déjà cherché à la conférence de Berlin. Alors, lord Salisbury, devant cette politique coloniale de M. Barros Gomes, se montre très froid et très désagréable envers le cabinet de Lisbonne. Les notes diplomatiques vont leur train. Et l'affaire des *Makololos*, toute préparée par les missionnaires et M. Johnston, est le prétexte pour des notes plus pressantes. Lord Salisbury veut le rappel de toute l'expédition dans le Chiré, il veut que les Portugais reviennent jusqu'aux rives du Rio, et il exige du gouvernement un blâme au major Serpa Pinto; sinon le ministre à Lisbonne se retirera suivi de tout le personnel de la légation de Sa Gracieuse Majesté, et les cuirassés anglais prendront Saint-Vincent, Quilimane, Lourenço-Marques — ils bombarderont même Lisbonne!

M. Barros Gomes fait appel à l'article 12 du traité de Berlin; il demande l'arbitrage des puissances signataires du traité... Rien!... Ou dans les vingt-quatre heures ordre à l'expédition du Chiré de se retirer vers Ruao, ou Lourenço-Marques pris, et Lisbonne bombardée... Voilà où nous sommes en droit international à la fin du xix<sup>e</sup> siècle!



M. Barros Gomes, cralgnant pour Saint-Vincent, Quilimane e Lourenço-Marques, après avoir consulté le conseil d'État sous la présidence de S. M. Dom Carlos I<sup>er</sup>, a cédé aux exigences et aux menaces de l'Angleterre. Avec lui est tombé tout le cabinet progressiste.

Une explosion de colère a alors éclaté dans tout le Portugal. D'abord, manifestations patriotiques dans les rues de Lisbonne et de Porto; puis des manifestations plus nobles, telle que la grande souscription nationale pour aider à la colonisation portugaise en Afrique et à la défense de ses possessions. Tout le commerce portugais a cessé ses relations avec l'Angleterre. L'importation d'articles anglais s'élève tous les ans dans le Portugal à environ 100 millions de francs. Les Portugais n'en veulent plus. Ils se tournent du côté de la France.

Quant à cette fameuse baie de Delagoa (Lourenço-Marques) si convoitée par l'Angleterre, cela mérite bien une petite explication. Lourenço-Marques est le port naturel, la clef du Transvaal, si riche en mines d'or et d'argent. Les Anglais, maîtres de Lourenço-Marques, possession portugaise, étrangerait immédiatement la vaillante république des Boers, et le Transvaal deviendrait colonie anglaise.

En présence de pareils faits on comprend l'indignation du peuple portugais qui se refuse à reconnaître le droit du plus fort et en appelle à toutes les traditions diplomatiques — voire même au traité de Berlin. — Y aurait-il pour lui des juges à Berlin?

Espérons que le ministre-président par M. de Serpa Pimentel, le vétéran chef du parti républicain, ministre où l'on voit des hommes de grande valeur, tels que MM. Hintze Ribeiro, Lopo Vas et João Arroyo, pourra mener à bien le conflit diplomatique entre les cabinets de Lisbonne et de Saint-James. M. de Serpa Pimentel, qui a été à la conférence de Berlin, connaît à fond les questions africaines; il faut espérer que ses collègues de la conférence lui donneront leur appui dans cette circonstance.

Quant à la question coloniale, nous verrons dans quelques années ce que l'Angleterre peut faire dans le Zambéze. Elle pourrait bien trouver là-bas un autre Zoutouloud !...

MARIANO PINA.

#### O tenor Gayarre

O celebre tenor hespanhol era tão conhecido em Lisboa e no Rio de Janeiro, onde tinha tantos amigos e admiradores, que os nossos leitores não de ver com grande curiosidade e tristeza não só o retrato d'este artista, que a morte arrobou em pleno triumpho, mas também varios desenhos representando os seus funeres, que se realisaram em Madrid, e que pareciam os funeraes d'um rei. Gayarre tinha 40 annos d'idade.

**TSARINE** PÓ DE ARROZ RUSSO  
Adorably, Sustaining, Wholesome  
PREPARADO POR VIOLETT  
28, BOULEVARD DES FILLES DU CALVAIRE, PARIS

## A REVISTA DAS REVISTAS

PROTESTO

DA

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA

DE

LISBOA

A todas as Academias, Sociedades, Institutos e  
tornaes das suas relações

**H**A POUCOS dias, apenas, teve a sociedade de geographia de Lisboa a honra de communicar as sociedades congêneres a expressão sincera do seu voto relativamente ao conflicto diplomatico suscitado entre Portugal e a Inglaterra.

Por dever e honra da generosa solidariedade que a ellas nos liga nas mesmas aspirações e nas mesmas diligencias humanitarias e civilisadoras, depunhamos perante essas nobres illustres irmaes scientificas, como nós empenhadas na santa causa da paz, da civilisação e da exploração scientifica da Africa; a nossa esperança e o nosso desejo leal de que essa causa não fosse mais uma vez perturbada por pretensões e cobiças tão formalmente offensivas da acção e da soberania legitima do nosso paiz, como evidentemente contrarias á Verdade, á Razão e ao Direito.

E a nossa manifestação era tanto mais opportuna quanto é certo que tais protensões, para trair a justiça dos povos, de lingua dura e teozamente procuram falsar a Geographia e a Historia, — e para favorecer o disfarçar as mais paixões e um cupidon interesses de aventura e de seita, teem organizado uma conspiração de cupescina propaganda e de influencias brutalmente egoistas destinaada a mystificar a opinião e a intrigar os governos contra o honrado povo que foi o primeiro a abrir o continente negro á Civilização e á Sciencia.

Perseguida e extinta a escravatura na costa portugueza da Africa Occidental, os interesses que o trafico infame alimentava procuraram e por largo tempo conseguiram obstar, sob a protecção da politica inglesa, a que a nossa acção civilisadora e o nosso direito soberano lhes arrancasse o ultimo reducto, por uma occupação regular e definitiva dos nossos territorios do Zaire inferior.

Foi exactamente o apesamento, pela auctoridade portugueza, d'um navio negreiro na foz d'aquelle rio que suggeriu a formal opposição do governo inglex, já então indignamente mystificado á nossa occupação d'aquelles territorios!

Assim e agora, tambem, os interesses da licenciosa e oppressiva exploração dos indigenas, as pretensões de especulação e de monopolio commercial, o espirito fanatico de seita, as absorventes ambições e ciumes de predominio e de expansao politica, agitam-se ferozmente contra o leal e persistente empenho de Portugal em organizar e firmar a ordem, a segurança, a transformação pacifica e civilisadora nos nossos territorios mais remotos da Africa Oriental: — no Zambéze, no Nyassa (Nyassa), e na Mashona.

Alguns mercadores e missionarios inglexes, estabelecidos sob a nossa protecção e favor, n'alguns pontos insignificantes e esparsos d'esses territorios, onde nenhuma transformação benefica teem operado, ensaiaram converter o facto d'esse precario e particular estabelecimento em ostensivo direito de protectorado e de dominio da nação de que se dizem subditos para evitar a policia culta da soberania de que são hospedes, que lhes tem sido generosissima protectora, e que era e é a unica que pode exercer-se e se tem exercido effectiva e pacificamente n'aquellas regiões.

A diplomacia britannica acabou de adoptar estas pretensões abusivas, primeiramente procurando obter a nossa annuência e concessão voluntaria a troco da retirada das suas formaes objecções á posse e á occupação portugueza dos territorios do Zaire, — o que evidentemente equivalia a reconhecer o nosso direito aos que lhe cederiamos e que agora nos disputa!

Malgrado, porém, pela opposição da Europa, em relação ao Zaire, o tratado em que esta operação se negociara, e passados poucos annos, apenas, depois da conferencia de Berlin, a Inglaterra intimou-nos, não já o desejo e o interesse que a levaram a negociar esse tratado, mas a formal pretensão d'um direito sobre os territorios cuja cedencia nos pedira e procurara obter a troco de largas compensações!

Além do mallogro d'esse tratado pelo qual a politica inglexa contava estabelecer-se nas margens do Nyassa, outros factos concorreram, naturalmente, para exacerbar e fazer recrudescer as pretensões e cobiças britannicas, tales como:

A concorrência incommoda que a Inglaterra teve de aceitar, de outras potencias, ao norte, do lado do Zantibar e de mar Vermelha;

O reconhecimento de que os nossos territorios entre o Zambéze e o Limpopo, e particularmente a Mashona, abrangiam uma das zonas mais ricas, em minas de ouro, da Africa austral;

E, em summa, o vigoroso impulso que procuravamos imprimir ao desenvolvimento dos povos e territorios do nro vasto dominio africano.

Precisamente attingiu a maior intensidade essa exacerbação de cubia, quando as nossas expedições scientificas, commandadas por officiaes e engenheiros distinctos, calorosamente acolhidas pelos indigenas, estudavam e preparavam assegurar melhor esses territorios, — pelo caminho de ferro, pelo telegrapho, por uma policia civilisadora e christã, — á mais larga e liberal exploração e proveito do commercio licito e da colonisação europia.

Explosiu então o mercantilismo do monopolio, o fanatismo de seita, o insolente orgulho do predominio politico, essa triste e oppressiva trindade que pretende dominar a Africa interior pelo azorrague de sete pontas, de que não ha muito se fallou largamente no parlamento inglex a proposição das missões do Nyassa, ou pelas cadeias e pelos foguetes

de guerra, que ha pouco ainda tentavam introduzir pelas nossas alfandegas de Inhãmhamo e de Quilimane os pseudo philanthropos, ou pelas armas aperfeiçoadas entregues ao barbaro Luthengula para escravizar os povos da Mashona e lhes roubar as minas de ouro com que havia de pagal-as aos inglozes que lhe forneciam essas armas.

Ao passo que alguns aventureiros e agentes britannicos aculavam contra as nossas expedições scientificas um *regulo* embruteado e usurpador, a politica inglexa, — a politica d'uma nobre nação europia, — intimava-nos imperiosamente, com um direito que não se fundamentava, aquellas pretensões e cobiças.

Esta é, a breves traços, a verdade da situação, larga e irrecusavelmente evidenciada por todos os documentos dignos de fé que temos exhibido e continuaremos a offerecer ao criterio imparcial de Mundo e da Historia.

Sinceramente, com uma justa deferencia para com uma nação culta e amiga, — no constante empenho de cooperar para que a paz e a civilisação da Africa, não fossem perturbadas, — Portugal, certo do seu direito e confiado na dignidade e na justiça d'essa nação, prestou-se a discutir com o governo aquil d'ella, as pretensões que elle infelizmente adoptara e a convencer-o da absoluta inconcistencia e sem fassão d'essas pretensões.

Quer exhibindo perante o governo britannico os numerosos titulos do nosso direito e os leaes propositos da nossa acção, — quer chamando, n'um sincero accordo, um terceiro Estado a considerar e julgar imparcialmente o extraordinario pleito, — quer accorrendo a mediação e o exame d'uma conferencia de todas as nações interessadas na paz e na civilisação da Africa, — Portugal offerencia á Inglaterra todos os meios justos, seguros, decorosos de liquidar com ella, leal e definitivamente, a questão.

Não duvidavamos do nosso direito e não receavamos da justiça das nações e da consciencia universal.

O incidente, a que já alludimos, — o assalto de uma nossa expedição scientifica, — em territorio que nunca nos fora contestado pela propria Inglaterra, — por um horda do selvagens que cusavam arvorar a bandeira inglexa, e que se sabe já que haviam sido excitados aquelle acto por agentes inglozes, — suscitou ao governo britannico reclamações e exigencias novas, sem que o movesse commoção a fundamentar, por uma vez, os direitos que vaga e imperiosamente allegava.

Essas reclamações e exigencias facilmente se evidenciavam infundadas, absurdas, até, baseadas apenas em falsas e suspeitas informações.

Mas ainda Portugal se prestou a fazer suspender a sua acção e o trabalho das suas expedições scientificas nos territorios contestados, exigindo apenas a natural reciprocidade de ser respeitado o *status quo* pelos agentes inglozes, para se entrar definitivamente na liquidação diplomatica e pacifica da questão.

Sabê já a Europa, sabê já o mundo culto, qual foi o procedimento do governo britannico.

Agglomerando grandes forças navaes nas proximidades de alguns dos nossos portos europeus e africanos, ameaçando-nos pela sua imprensa mais politicamente auctorizada, entre os mais estupidos e desprezíveis insultos, de praticar um acto de força expoliadora sobre os nossos territorios, a Inglaterra interrompeu uma correspondencia serena e amiga, violou as normas tradicionais da cortezia e da lealdade internacional, e antepoz arrogantemente, provocadamente, ao direito que não podia provar e que não tinha, a força material, a superioridade bruta dos seus engenhos e meios de guerra offensiva, de oppressão e de coacção violenta.

Exigiu do governo portuguez: que dentro de quatro horas, apenas, resolvesse e ordenasse a retirada das nossas forças e expedições scientificas, dos territorios do Nyassa e da Mashona, em que além de representarem o nosso direito, representavam a sciencia, a civilisação, a ordem, em face da selvageria excitada, do escravismo armado, da cubia filibustaria.

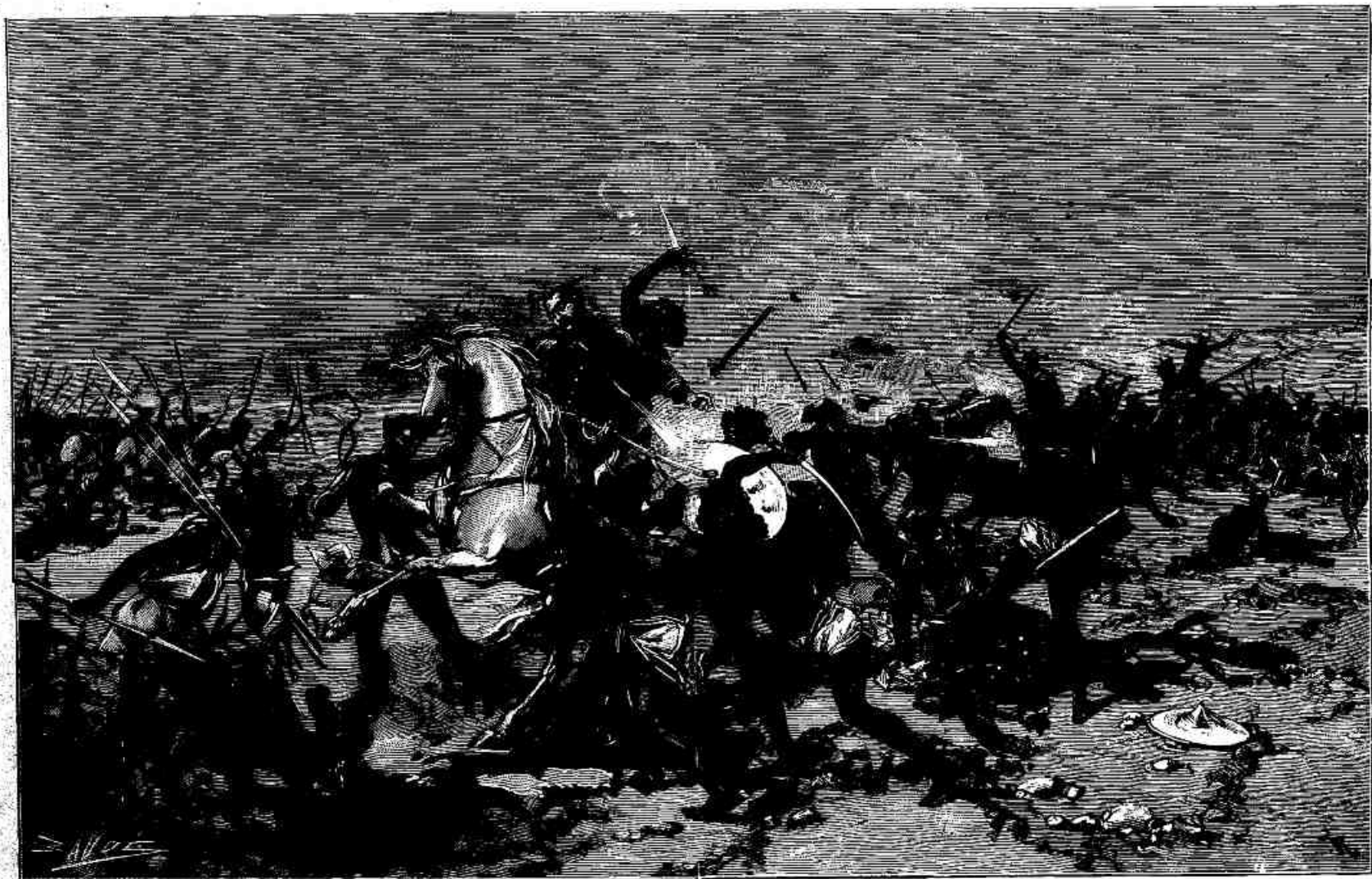
A não annuência e semelhante exigencia, seria seguida d'um procedimento que evidentemente equivalia a um rompimento de hostilidades, mais propriamente a um assalto immediato, cobarde, traiçoeiro, de territorios, fortunas e vidas portuguezas.

E passava-se isto, e praticava-se isto a alguns dias de distancia, da reabertura da conferencia de Bruxellas, onde as nações da Europa, associadas n'um grande e generoso empenho de paz, de liberdade, e de civilisação, estudam os meios de as garantir á Africa!





OS INGLEZES. — O QUE ELLES CHAMAM CIVILISAR OS INDIGENAS!



OS INGLEZES. — O QUE VARIAS VEZES LHESS SUCCEDE PARA SEU CASTIGO!...



E' contra este facto insolito que affronta a nossa independencia secular e reconhecida por todas as nações, a nossa leal e constante cooperação nos progressos do direito moderno, os nossos sentimentos de homens livres e civilizados, do estudioso e trabalhadores honrados, — é contra este facto monstruoso pelo qual uma grande nação europeia, ao terminar o século XIX se mostra disposta a retomar o papel da velha pirataria argelina ou dos bucaneiros das Antilhas, — é contra esta concepção brutal e indigna: — que a deslealdade da sociedade de de geographia Lisboa, em nome d'esta, vem depôr no seio das suas irmas scientificas, o mais solenne e formal protesto perante a solidariedade da civilização moderna.

Lisboa, 13 de janeiro 1890.

FRANCISCO MARIA DA CUNHA,  
Presidente.

ANTONIO DO NASCIMENTO PEREIRA SAMPAIO,  
Presidente do conselho central.

FRANCISCO AUGUSTO OOM, F. V. MENDES  
GUEARATO, JOAQUIM JOSÉ MACHADO,  
FERNANDO DE ALMEIDA PEREIRO,  
Vice-Presidentes.

LUCIANO CORDEIRO,  
Secretario perpetuo.

J. F. PAIXÃO DA FONSECA FARIAS,  
Secretario annual.

EDUARDO DE VASCONCELOS, DOMINGOS  
TASSO DE FIGUEIREDO,  
Secretarios adjuntos.

FRANCISCO DOS SANTOS,  
Thesoureiro.

RODRIGO ALFONSO PEQUETO, JOSÉ BENTO FERREIRA  
DE ALMEIDA, JOSÉ ESCORRÃO DE MORAES SAMUELLO,  
JOÃO PEDRO PATRONE JERONIM, JOÃO HENRIQUE  
ULICH, Vogaes.

### Subscrição nacional

Alguns portuguezes feridos pelo desastre que o nosso paiz acaba de soffrer, meçes das prepotencias inglexas, e do estado de decadencia da nossa marinha de guerra, tiveram idea de fazer um apello unanime e suprimiu a todos os filhas de Portugal, o qual sera formulado em detalhe por via d'um grande manifesto ao paiz, onde — exposta a exiguidade dos nossos meios de resistencia por via maritima, e a impetivel necessidade de os levantar a altura do que tanto ha mistor o paiz, que embora pequeno, é ainda hoje a primeira potencia colonial africana — se supplicará a todos os portuguezes, longe ou perto elles estejam, e por grandes ou pequenos que sejam os seus haveres, collaborem n'uma grande subscrição nacional, abrangendo todos, desde o capitalista até ao mendigo, a qual tenha por fim adquirir ou facultar a acquisição de toda a especie de meios maritimos de defesa, que nos punham ao abrigo das prepotencias dos piratas do mar, que d'outro direito não sabem além do que vomitam as guerras dos canhões.

Levar-se-ha este manifesto ao interior das nossas provincias, cidades, campos e aldeias, pedindo a todas as camaras municipales lhe deem curso pratico, a todos os parochos se sirvam lê-lo á missa conventual, a todos os proprietarios e chefes de fa-

milia se dignem tomar-o em conta, a todos os portuguezes emfim, emigrados, dispersos e ausentes pelo mundo, lhe não deixem de prestar auxilio — recolhendo donativos de todas as mãos generosas, em termos que n'um decurso breve, o paiz possa estar armado e protegido contra todas as eventualidades de futura pirataria.

A commissão espera com fé ardentissima, de todos os portuguezes, mas de todos! que não deixem de auxiliar esta ideia patriótica de meia duzia de homens, que acima de tudo adoram o seu paiz, e fazem votos pelas suas prosperidades.

As camaras municipales, direcções de Bancos, redacções de jornaes, sedes de Companhias, presbyterios e grandes capitalistas ou casas de credito, etc., que por sua situação possam offerecer aos subscriptores mais solidas garantias de confiança na execução pratica da ideia aventada, constituirão outras tantas thesourarias, para a recepção dos donativos de cada qual.

Espera-se que todos os jornaes da provincia auxiliem a ideia, dando publicidade a esta noticia, e publicando assim o manifesto que posteriormente lhe sera enviado.

..

A ideia da grande subscrição nacional encontrou um appoio monstro em todo o nosso paiz. Desde o sr. duque de Palmella que cede em favor da subscrição um anno dos rendimentos da sua casa que são avaliados em cerca de 300 contos de réis, até ao mais humilde operario, — todos os portuguezes sentem e comprehendem a necessidade de se reunirem todos as forças do paiz, fôrça da iniciativa do governo. O estado tem as suas receitas; que a patria tambem tenha as suas, e que esses capitães estejam fôrça de toda e qualquer influencia politica ou governativa, de qualquer influencia de ministerios ou de parlamento.

Por consequencia a subscrição nacional servirá para a creação d'um *Thesouro nacional*, aproximadamente do mesmo genero do *Thesouro de guerra* que existe na Alemanha.

A'cerca da organização e do fim do *Thesouro nacional* encontramos as seguintes considerações nas *Novidades* de Lisboa, e que julgamos bem cabidas neste lugar:

A Alemanha tem o seu *Thesouro de guerra*; façamos nós, em moldes parecidos, o nosso *Thesouro nacional*. A Alemanha constituiu esse thesouro com a maior parte da indemnização de guerra, que a Prussia foi obrigada a pagar-lhe; constituamos nós o nosso com os productos da subscrição publica de agora, com os donativos futuros, que a elle forem accrescendo, e com o addicionalmente d'uma verba annual votada pelas cortes. A Alemanha guardou esse thesouro em uma das torres de fortaleza de Spandau; o dinheiro está ali em especies metallicas, immobilisado, mas prompto a entrar em circulação, sem nemhum sujeição a crises financeiras ou bancarias; ninguém lhe toca, senão para verificar de tempos em tempos a exactidão das sommas arrecadadas. O nosso *Thesouro nacional* deveria ser tambem assim immobilisado, para estar certo e prompto, confiado á guarda do estado, mas sob a immediata vigilância d'uma commissão, em que entrassem representantes dos maiores subscriptores e das associações de fim patriótico mais directo. Ao cabo de alguns annos — e não pensamos que antes

d'isso possamos ter feito coisa que nos habilite a encerrar com algum desfecho a hypothese d'um ajudo do contus com a nossa *flot alliado*, poderemos ter entesourado uma somma respeitavel, que nos de toda a liberdade de movimentos, e que n'esse momento talvez não pudessemos obter, porque os capitães fogem e desaparecem como o simples ananção d'um conflito imminente.

Do not forget! Não esqueçamos. E, para isso, entesouramos. Não haverá um tostão perdido. Será o meathiro da honra nacional. Isto é simples, e pratico. E, portanto, é eminentemente provavel. Faltu só dar fôrma e corpo á idea, e que deverá ser por um projecto de lei, cremlu, nas condições expostas, o thesouro nacional. Façam isso as cortes, já, antes do dissoluimento, que lhes interrompi os trabalhos, ou da dissoluimento, que lhes tire a vida. Por muito pouco, que a camara dos srs. deputados viva, deixará de si memoria digna e honrada, se deixar isso feito!

..

O nosso director Mariano Pina mandou fazer uma tiragem de 1:000 exemplares da chronica do presente numero da **ILUSTRAÇÃO**, em folheto, vendendo-se cada exemplar ao preço de 100 réis.

O producto d'esta venda é destinado integralmente á subscrição nacional.

### A PILIVORE

Livres finalmente da « influencia » o prazer e a alegria retomam os seus direitos e os bailes annunciam-se de todos os lados.

E' o momento de chamar a attenção das nossas leitoras para a **PILIVORE** preparação recentemente aperfeiçoada da *parfumaria Dussor* e d'um effeito verdadeiramente maravilhoso para embellezar os braços.

Uma só applicação faz desaparecer a pennugem, manchas, etc., e a pelle adquire uma alvura e veludo incomparavel; antes do baile um emprego da **PILIVORE** é indispensavel ás damas verdadeiramente elegantes.

1, rue Jean-Jacques-Rousseau, PARIS.

PARIS 3030, RUE MONTMARTRE, 30

GRAND HOTEL DU BRÉSIL ET DU PORTUGAL

No centro de Paris, perto da Opera, das principaes estações de caminhos de ferro, dos boulevards e das zonas communitarias brasileiras e portuguezas. Este hotel é dirigido pelo proprietario e sua familia. É o mais concorrido e preferido pelos viajantes brasileiros e portuguezes, em razão da magnificencia da fôrça e das commodidades que offerece. — LAFITE REPARER.

**CURAR** em poucos dias as doencas d'estomago e as digestões difficeis, e para de apenite, tal é o resultado que produz o **Elizir Grea**, toni-digestivo recomendado por todas as celebridades medicas e empregado em todos os hospitaes.

**SUSPENSÓRIOS MILLERET**, elasticos e sem phosporos, de Gonidre, 49, r. J.-J.-Rousseau, Pa. is.

LIVRARIA G. REINWALD, RUE DES SAINTS-PERES, 15, PARIS

Acaba de sair a luz

## TRAITÉ D'ANATOMIE COMPARÉE PRATIQUE

POUR V. V. V.

Carl VOGT, Directeur, Emile YUNG, Préparateur

do Laboratorio d'Anatomia comparada e de Microscopia da Universidade de Genova

16.º fasciulo ou 5.º fasciulo do tomo II

Preço : 2 fr. 50

A obra completa formará 4 volumes grandes 8.º; o segundo volume publicase por fasciulos de 5 folhas cada um, com gravuras intercaladas no texto. Preço de cada fasciulo. 2 fr. 50

O tomo I.º forma um forte volume grande in-8 de 900 paginas com 493 gravuras. Preço: cartonado tela inglesa 12 fr. 28 fr.

Resto a venda na 5.ª feira 23 de janeiro

MANUEL

## D'ANATOMIE COMPARÉE

DES

## VERTÈBRES

Par R. WIEDERSHEIM

Professeur de Anatomia humana e comparada da Universidade de Friburgo em Brisgau

Traduzido sobre a segunda edição alemã

Por G. Moquin-Tandon

Professeur de Zoologia e de Anatomia comparada da Facultade de ciencias de Toulouse

Un volume in-8, ornado com 30 fig. — Preço, brochado. 12 fr.

— cartonado tela inglesa. 13 fr. 50







## A Inglaterra.

Quando do que foi a nação portuguesa não restar à beira do mar mais que uma estreita faixa de terra, *campus ubi Troja fuit*, a Inglaterra terá também por seu turno cessado de ser para a civilização alguma outra coisa além da ilha indigesta de que disse Heine que o nojo de vomitar a impedia o Oceano de engulir-a.

E se para esse tempo não tiver acabado a história do mundo juntamente com a vida das nacionalidades exaustas para o progresso da espécie humana, os navegantes que passarem pela tua ilha só terão para recordar que ali esteve na gloriosa era da rainha Victoria — *the Victorian age* — o mais sortido trapiche e o mais grosso negócio de secos e molhados de toda a Europa; ao passo que, custeando a antiga praia lusitana nenhum marítimo esquecerá que foi do alto d'uma pequena bolha de solo chamada o promontório de Sagres, que um pobre diabo de povo ensinou ao velho mundo continental o caminho da navegação para a Índia, unificando assim o globo terrestre pelo consórcio aquático da civilização ocidental com a civilização do Oriente. E nas Molucas, nas Filipinas, na Terra de Fogo, no cabo Forward, na larga vastidão do Mar Pacifico, nas costas da Patagônia, nas perdidas ilhas da Aguada dos Bons Indios, dos Tubarões, dos Ladrões, de Samar, das Desventuradas, de tantas outras, assim como no estreito de Magalhães, ficará para todo sempre commemorado o nome português do navegador que primeiro circumgирou o orbe, praticando o maior de todos os feitos geographicos, lutando a seu bordo com a insurreição, com a fome e com a fome, bebendo agua apodrecida e comendo cosinhados em agua do mar os ratos do porão, e o couro do ferro da verga grande, tendo por pão



NECROLOGIA. — O TENENTE GAYERRE.

em muitos dias serradura de madeira, desde que faltou a bolacha fermentada nas dejectões das sevandijas e reduzida a pó pelo gorgulho.

RAMALHO ORTIGÃO.

## A Exposição de Paris.

A direcção da Exposição Universal de Paris acaba de publicar a nota total das entradas na exposição.

E' a seguinte :

Entradas com um bilhete : de dia, 22.576.878; de noite, 589.158. Entradas com dois bilhetes : de dia, 879.167; de noite, 1.123.754. Entradas com tres bilhetes, 111.394. Entradas com cinco bilhetes, 107.998. Entradas com dez bilhetes, 10.360.

Total das entradas pagas, 25.398.609, correspondendo a 28.151.350 bilhetes.

Bilhetes de assignatura e a expositores, 2.725.336.

Bilhetes para visita de 6 de novembro a 1 de dezembro, 117.376.

Isto representa para a exposição de Paris um numero de visitantes de 28.268.726, numero ate hoje nunca alcançado em nenhuma outra exposição.

## A velocidade das tempestades

Sabe-se que na Belgica a velocidade das tempestades é de cerca de 45 kilometros por hora. Na Hollanda, segundo as observações tomadas em 1888, a media era de 50 kilometros. Na Syria e Corinthia, segundo as observações feitas nos annos de 1886 e 1887, era de 29 kilometros. Na Alemanha do sul a velocidade era de 44 km. 11 em França, de 41 km. 3; na Italia, de 33 km. 7; e na Noruega, de 38 kilometros.

## AS NOSSAS CAPAS

capas para encadernar o 6.º anno da nossa revista, estão a disposição de todos quantos as requisitem, nos escriptorios da COMPANHIA NACIONAL EDITORA, 42, rua da Atalaya, em Lisboa, e nos do Sr. JOSÉ DE MELLO, 38, rua da Quitanda, Rio de Janeiro, nossos agentes geraes em Portugal e Brazil.

Como nos mais annos, A ILUSTRAÇÃO, no fim de cada volume, põe a disposição dos seus assignantes magnificas capas vermelhas, ESTYLO RENASCENÇA, com impressões a preto e a ouro. Essas revistas, estão a disposição de todos quantos as requisitem, nos escriptorios da COMPANHIA NACIONAL EDITORA, 42, rua da Atalaya, em Lisboa, e nos do Sr. JOSÉ DE MELLO, 38, rua da Quitanda, Rio de Janeiro, nossos agentes

PREÇO DAS NOSSAS CAPAS NO PORTUGAL :

LISBOA, 800 réis. — PROVINCIAS, 870

**Interessante Descoberta Parisiense**  
**DA PARFUMERIE-ORIZA**  
de L. LEGRAND, 207, Rue St-Honoré, PARIS

**PERFUMES-ORIZA SOLIDIFICADOS**  
**12 PERFUMES**  
DECICIOSOS  
Sob forma de Lapis e Pastilhas

Basta esfregar levemente os objectos para perfumal-os instantaneamente.

LISTA DOS PERFUMES CONCRETOS :

VIOLETTE DU CZAR.	JOCKEY-CLUB dequint
JASMIN D'ESPAGNE.	DEOPONAX id.
HELIOTROPE BLANC.	CAROLINE id.
LILAS DE MAI.	MIGNARDISE id.
FOIN COUPE.	IMPERATRICE id.
ORIZA LYS.	ORIZA-GERBY id.

DESCONFIE-SE DAS FALSIFICAÇÕES

A Venda em Portugal e no Brazil se faz na Parfumerie e a Parfumerie

**T. JONES**  
23, Boul. des Capucines, 23  
PARIS  
Fabricante de Parfumeria (Inglaterra) EXTRA-FINE

**T. JONES**  
23, Boul. des Capucines, 23  
PARIS  
Fabricante de Parfumeria Inglesa EXTRA-FINE

**Extratores Compositos**  
Produção sem igual para perfumaria e para conservar a pelle qualquer parte do corpo.

**La Juvenile**  
Com o uso regular e moderado da pele e da face, a pele fica mais branca e mais fina.

**Wash**  
Para a limpeza da pele e da face.

**Lait Osmé**  
Conserva-se perfeitamente e não se altera. Superior a todos os outros cremes e pomadas.

**Agua de Toilette Jones**  
Aromática e refrescante.

**Extrato e Pasta Samolita**  
Dentífrica, antipior, Branca de leite e de leite de leite.

W. Balguyon etc.

## LA CHARMERESSE

Pó perfumado, creme, pó, etc., etc. A Charmessee Concentrada é a mais perfeita e a mais agradável de todas as preparações para a pele. A Charmessee Concentrada é a mais perfeita e a mais agradável de todas as preparações para a pele. A Charmessee Concentrada é a mais perfeita e a mais agradável de todas as preparações para a pele.

Le Gérant : P. MOULLOT.

PARIS. — IMPRIMERIE DE P. MOULLOT, 13, QUAI VOLTAIRE.